

Microcrédito: o mistério nordestino



MARCELO
CÔRTEZ
NERI

A pesar do crescimento recente, o volume relativo de crédito no Brasil é inferior ao de países com níveis similares de renda, além de apresentar baixa qualidade dos empréstimos, uma vez que o mercado de crédito brasileiro privilegia mais o consumidor do que o produtor, os empréstimos são mais de curto do que de longo prazo, e atingem mais a alta do que a baixa renda. E, finalmente, quando o evento raro de cessão de empréstimos ocorre, ele se dá a taxas altas, seja pela alta taxa básica de juros (Selic) como pelo alto spread financeiro envolvido nas taxas de empréstimos. A inanição creditícia pode ser sintetizada no que Vega-Gonzalez, especialista internacional em microcrédito, denominou durante palestra proferida no BNDES em 1997 de "mistério brasileiro": por que o microcrédito pouco se desenvolveu no Brasil? De lá para cá houve iniciativas de microcrédito a diversos níveis de governo e da sociedade. Entretanto, o processamento dos dados públicos da Economia Informal (ECINF) produzida com maestria pelo IBGE, indica que o percentual de nano empresas urbanas (de con-

ta-próprias até as com cinco empregados) com crédito se manteve estagnado entre as duas últimas edições da pesquisa em 1997 e 2003. Ou seja, o "mistério brasileiro" persistiria.

Por outro lado, a mesma ECINF demonstra um crescimento diferenciado no Nordeste urbano do crédito produtivo popular aqui definido como unidades de conta-próprias ou empregadores. Nestas unidades a captação de empréstimos nos três meses anteriores a pesquisa passa de 3,97% para 6,27%, enquanto nas outras áreas urbanas brasileiras passa de 5,34% para 5,99%. O uso de metodologia de diferenças em diferenças controlada pelas características sócio-demográficas dos empresários e dos atributos de seus negócios, envolvendo uma série de medidas de acesso a crédito produtivo urbano indica resultado robusto de crescimento mais forte no crédito no Nordeste, grupo de tratamento, do que no resto do país, grupo de controle. Crescimento este que elevou o uso efetivo do crédito entre os nano negócios nordestinos a níveis mais altos que os do resto do país. Agora, por que o crédito produtivo popular urbano, embora ainda em nível muito baixo, se desenvolveu mais no Nordeste do que em outras regiões do país? O que chamamos aqui de "o mistério nordestino".

Intriga o fato do crédito produtivo, serviço de luxo, prosperar mais no Nordeste, que era — e continua sendo, a área urbana mais pobre e informal do Brasil. Visitando

quatro Estados do Peru avalei os frutos de um programa de titulação fundiária promovendo em alguns casos — mas em outros não — boom de operações de microcrédito. Este programa foi proposto por Hernan de Soto nos anos 90, consolidando a tese do seu best-seller: "O Mistério do Capital" (o precursor da literatura de mistério na área financeira é sem dúvida o saudoso Stephen Goldfeld da Universidade de Princeton, autor do seminal "The Case of the Missing Money", publicado pela Brookings em 1973, que investiga as causas da superestimação da demanda de moeda americana, inspirado no personagem do detetive Poirot, então em voga nos romances de Aghata Christie). Segundo ele, a alta informalidade da propriedade implica deterioração da liquidez, do risco e do valor de mercado dos ativos dos pobres, uma espécie de capital morto. Seguindo o argumento de Soto, o reconhecimento formal do direito de propriedade dos pobres ressuscitaria o capital e o crédito. O problema aqui é que não observamos nenhum movimento de regularização fundiária urbana no Nordeste.

Observamos, é verdade, outro tipo de atuação diferenciada do Estado no Nordeste: a expansão de programas oficiais de transferência de renda. Isso nos leva a uma segunda linha de investigação: o efeito colateral — neste caso quase involuntário — da expansão de políticas de transferências de renda aquecendo transações monetárias nos mercados de produtos dos nano negó-

cios, ao oferecer ao mesmo tempo a possibilidade de melhores garantias de empréstimos a partir de transferências sociais. Ou seja, o mistério nordestino poderia ser explicado pelo uso do fluxo de rendimentos futuros como alavanca de garantias para a concessão de empréstimos. Propomos esquema de colateralização de benefícios sociais em diversas ocasiões nesta coluna já em 2002. Entretanto, o grosso da expansão de benefícios sociais urbanos, assim como a possibilidade de consignação explícita, é mais recente do que o mistério nordestino — apesar de em franca expansão. Por outro lado, se a expan-

Por que há mais microcrédito no Nordeste? Titulação? Transferência de renda? A chave do mistério nordestino está no colateral social do CrediAmigo

são de transferência de renda em áreas mais pobres talvez não ajude a resolver o mistério nordestino progresso, ela abre uma agenda futura de políticas de natureza estrutural que buscam abrir as chamadas portas de saída da pobreza, combinando a assistência de programas como o Bolsa Família com a criação de oportunidades de acoplar programas creditícios. Permitindo a cada um realizar suas oportunidades produtivas mais a altura de suas possibilidades.

Como a área urbana de cobertura da pesquisa ECINF corresponde à mesma

área de atuação do CrediAmigo, associado ao Banco do Nordeste, e dada à importância relativa do programa em termos regionais e nacionais, os impactos do CrediAmigo no acesso a crédito, constitui suspeito pelo mistério nordestino. As evidências dos microdados da ENCIF não nos permitem rejeitar a hipótese do CrediAmigo que completa agora dez anos, como responsável-chave pelo crescimento diferenciado do microcrédito nas áreas urbanas mais pobres do país. Num certo sentido as buscas anteriores pelo lado do capital morto e das garantias sociais dos pobres é confirmada, pois o CrediAmigo usa a metodologia de colateral solidário que deu o Nobel da Paz de 2006 ao Grameen Bank e a seu fundador Muhamad Yunus. Mais recentemente, a invasão do segmento nordestino urbano de microcrédito por grandes bancos nacionais (Real) e estrangeiros (Azteca), usando metodologia similar a do CrediAmigo, consolida nossas suspeitas acerca do mistério nordestino. Todas essas evidências mais a fatia de 60% do mercado nacional de microcrédito direcionado do país é, mal comparando, como uma arma fumegante na mão do principal suspeito: o CrediAmigo. Elementar, meu caro leitor.

Marcelo Côrtes Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de "Retratos da Deficiência", "Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas" e "Ensaio sociais".
E-mail: mcneri@fgv.br